

APRESENTAÇÃO

Com a temática “Gênero e temas afins: pesquisa, extensão e ensino na região Norte”, a *Revista Falas Breves* chega a sua 10ª edição, que é especial por vários motivos. Dentre tantos, vale citar o fato de chegarmos neste número mesmo e apesar dos desafios tão peculiares a revistas pequenas, produzidas fora de grandes centros e de renomados programados de pós-graduação. É também especial porque trabalhar em tempos pandêmicos é desafiador. Tempo (interminável) que se fez/faz presente nas nossas vidas diariamente, ceifando vidas de amigos, parentes, conhecidos, nos colando em estado de ânimo frágil, às vezes, e em outros momentos em um estado de pressa, de fazer tudo acontecer antes que seja tarde demais. E de forma lamentável se fez presente nesta edição, deixando-a um pouco órfã, em todos os sentidos, principalmente órfã de respostas. Sabe o que é enviar um e-mail, comunicando, parabenizando o/a autor/a pelo trabalho aceito e nunca receber um retorno. Só silêncio, vazio. E pensamos: “será que desistiu de publicar conosco? Será que o e-mail não chegou?” Até o longo silêncio nos obrigar a pensar *nela* (“Covid, será?”). E nos obrigar a buscar outros meios para obter uma resposta ao e-mail enviado, por questões legais, éticas, morais e de respeito à produção intelectual de quem confia em nosso trabalho. E de posse da pior resposta, pesar, lágrimas são inevitáveis. E as lágrimas se somam a outras firmemente já guardadas e juntas, unidas afloram – externa ou internamente.

Mas a vida, indiferente a dores, lágrimas, segue firme seu curso, e somos impelidos (senão somos atropelados por ela) a esconder nosso sofrer, frear nossa indignação e até nossos medos diante de tudo ... e seguir com ela (a vida). É como deve ser, decerto. É como tem que ser. Por tudo isso e, inclusive, pelo que nunca se é dito (mas está presente nas entrelinhas), a 10ª edição da *Falas* é muito especial. Para mim, em particular, ela tem sabor de resistência, resiliência, o que vem ao encontro da temática proposta para essa edição: gênero e temas afins, pois falar sobre tal é resistir e não desistir de direitos, de respeito, de igualdade, enfim, falar sobre gênero e temas afins, seja em que âmbito/área for, é se colocar na linha de frente de lutas, é resistir.

Mas por que esse tema?

Embora a ideia já tivesse aflorado em 2020, ela só se firmou quando percebi que seria, sim, útil, de alguma forma, um espaço para falar sobre este tema. E se firmou quando, coincidentemente, uma mestrandia, por e-mail, comentou sobre a dificuldade em localizar projetos que trabalhassem com gênero através de artes, no Norte. Após isso, a proposta (já não era mais uma ideia) foi levada para o

Conselho Editorial da *Falas* para ajustes e aprovação ou não. Aprovada a proposta, ficou decidido que o tema teria como objetivo reunir pesquisas, trabalhos de extensão e/ou ensino voltados para gênero e temas afins que fossem direcionados para a região Norte, em especial. Mas cientes, contudo, de que este objetivo, tão restrito, seria algo muito complexo, árduo, difícil, já que, normalmente, 1) autores/as tendem a procurar revistas já consolidadas para publicar, e, desta forma, ao restringir, poderíamos ter mais problemas ainda. E quando não é esse o empecilho, ainda assim é difícil, pois 2) nem sempre o/a docente, o/a pesquisador/a têm o texto, com temática definida, já pronto. Contudo, decidimos levar a proposta adiante, pois, em um momento em que “aquilombar” tem sido o mecanismo – único, plausível –, e tem se tornado estratégia de sobrevivência, de luta, a *Revista Falas Breves* também tinha esse dever para com os estudos e causas voltados para gênero e temas afins centrados, em especial, no Norte. Neste contexto, surge, então, a 10 edição da *Falas*.

Quanto à esta edição, atente-se para o sumário, pois embora ele não reflita a realidade da produção, das pesquisas, extensão, ensino sobre gênero e temas afins produzidos na região Norte, pois a realidade é muito maior, ele reverbera olhares, leituras realizadas por aqui. Tem-se nesta edição apenas um esboço, um ponto de partida, um breve recorte de pesquisas, pesquisadoras que atuam e/ou perpassam pela temática aqui proposta. Nesse sentido, em se tratando de pesquisa, extensão e ensino, o corpo docente do Campus Universitário do Marajó – Breves, um dos *campi* da Universidade Federal do Pará (considerada a maior IES do Norte), tem pesquisado e incentivado a pesquisa junto aos discentes de graduação, inclusive sobre gênero e temas afins, por exemplo. Os anais dos dois eventos (www.coloquiodeletras.ufpa.br, www.ecleb.com.br) da Faculdade de Letras têm trazido, ao longo dos últimos anos, alguns resultados (parciais ou não) de estudos, pesquisas voltados para gênero e temas afins desenvolvidos pelos/as discentes, sob a orientação de um/a docente. Nesse sentido, a professora Sandra Job, precursora nos debates, palestras e cursos sobre gênero, neste Campus, desde 2013, vem desenvolvendo pesquisas e projetos de extensão¹ sobre gênero e temas afins e raça, com foco em mulheres ribeirinhas, quilombolas do Marajó, assim como orienta trabalho de conclusão de curso (TCC) voltados para esses temas. Ainda neste contexto, só para constar, no Campus da UFPA, em Belém, há grupos de pesquisa como o D.I.Va.S² (Direito à Igualdade e Valorização das

¹ Para saber mais sobre os projetos acesse: <http://lattes.cnpq.br/9502155154921407>. Quanto ao projeto de extensão Mulheres Marajoaras em Cena, projeto voltado para o teatro amador com fins educativos para as relações de gênero e fins artísticos, mais informações em: <https://web.facebook.com/mmec.mmec.50/>.

² “O Grupo Direito à Igualdade e Valorização das Sexualidades (D.I.Va.S) foi criado em 2015, com o intuito de reunir estudantes LGBTQIA+ da graduação do curso de Direito da UFPA que se sentiam deslocados dentro daquele espaço. O coletivo que surgiu com o ideal de lazer e esporte, acabou por se tornar uma referência política nos debates sobre gênero e sexualidade dentro da faculdade”. Informação disponível na página da UFPA, in:

Sexualidades), o GPEM³ (Grupo de Estudos e Pesquisas “Eneida de Moraes”), coordenado pela professora Telma Amaral, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/UFGA); o Sexgen⁴ (Sexualidades, Corpo e Gênero), coordenado pelo Fabiano Gontijo, vinculado à Faculdade de Ciências Sociais e ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Assim como na UFGA, em outras IES do Norte também encontramos docentes envolvidos com essa temática – inclusive dentro dos programas de pós-graduação, embora nem sempre focados, necessariamente e/ou somente, na região Norte.

No que concerne aos textos desta 10ª edição, no tocante aos artigos, temos a contribuição de Adriene, Yuleidys e David Silva com o artigo “A categoria de gênero no contexto das descobertas sociológicas”, trazendo um recorte sucinto, mas muito importante sobre gênero, a partir de estudias do tema dentro da sociologia. Leitura que muito ajudará a discentes que estão iniciando nos estudos de gênero, dado o caráter bem didático presente no texto.

Eide Medeiros e Eliane M. Costa debruçam-se sobre o currículo do curso de Letras, da Faculdade de Letras do Campus Universitário do Marajó – Breves, para trazer um olhar aguçado sobre “A mulher paraense e o campo da literatura: entre o silêncio e a resistência”. Olhar este que nos leva a refletir sobre as nossas próprias escolhas literárias e nosso papel enquanto crítico/a literário/a e/ou formador/a de cânones e de leitores, enquanto docentes.

Por sua vez, as autoras Sônia Maria Pereira do Amaral e Valéria Amaral Pureza, também se debruçam sobre um currículo, aqui no do curso de Pedagogia, do Campus Universitário do Marajó – Breves, para lançarem “Um olhar sobre o currículo do curso de Pedagogia do Campus de Breves e a formação docente para trabalhar as relações de gênero na escola”.

Da mesma forma, mas sobre outro viés, a autora Ingrid S. dos Santos também faz o/a professor/a de graduação e do ensino básico (re)pensarem seus papéis enquanto formadores/as de

<https://portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/12679-grupos-de-pesquisa-da-ufpa-problematizam-e-conferem-visibility-a-tematica-lgbtqia>. Acesso em 17/12/2021.

³ O Grupo de Estudos e Pesquisas “Eneida de Moraes” sobre Mulher e Relações de Gênero (Gepem) foi criado em 1994, sob a coordenação das professoras Maria Luzia Miranda Álvares e Eunice Santos. Informação disponível na página da UFGA, in: <https://portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/12679-grupos-de-pesquisa-da-ufpa-problematizam-e-conferem-visibility-a-tematica-lgbtqia>. Acesso em 17/12/2021.

⁴ “Criado em 2006 na Universidade Federal do Piauí (UFPI) para agregar discentes, docentes e pesquisadores/as, profissionais da grande área das Humanidades, interessados/as nas mais diversas questões relativas à sexualidade, ao gênero e à interseccionalidade entre diversos eixos de opressão (tais como classe, raça, pertença étnica, geração, gênero e sexualidade), a partir de 2013, passou a ser sediado na Federal paraense. Logo em seguida, o grupo criou uma célula também na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa).” Informação disponível na página da UFGA, in: <https://portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/12679-grupos-de-pesquisa-da-ufpa-problematizam-e-conferem-visibility-a-tematica-lgbtqia>. Acesso em 17/12/2021.

indivíduos sociais para as relações de gênero. No artigo “Relações de gênero: um olhar para estudantes da EJA, em Breves”, a autora analisa e comprova o quanto as discussões de gênero e, conseqüentemente, a conscientização sobre tal tema ainda estão distantes (ou não estão sendo discutidas a contento) dos bancos escolares – do fundamental e médio à graduação, de onde saem os/as professores/as que vão para a educação básica. Tal estudo só reforça o quanto é necessário dar continuidade a essa luta, no âmbito governamental, da sociedade, das instituições de ensino. Nesta, inclusive, (re)lendo os grandes mestres para analisar a representação feminina, como o fez Luiz Guilherme dos Santos Junior no artigo “Representações do feminino em Marajó, de Dalcídio Jurandir: mito, patriarcado e resistência”. Ou ler as grandes mestras, como o fez Vânia Maria do S. Alvarez. Vânia Alvarez, no artigo “Navegando para além das fronteiras da Amazônia: Uma leitura do imaginário *Tupeba* e da poética de Marta Cortezão”, traz uma leitura sobre o olhar que a poesia de Cortezão tem acerca da terra natal. E traz informações relevantes sobre redes midiáticas organizadas por escritoras como forma de divulgação e fortalecimento da literatura de autoria feminina.

No tocante às contribuições literárias, o nível dessa edição também está especial. De temática livre, os textos literários passam pelas profundas “Saudades”, de Éberton da Costa Moreira. E as saudades do vivido, das emoções sentidas na terra natal são tão profundas que quem lê o poema sentirá a saudade sentida pelo eu-lírico, mesmo que não tenha vivido nada do que está sendo cantado no poema. Memórias afetivas que, de fato, só “A palavra”, como bem canta Benedito Antonio Nonato Pinheiro, expressa. Assim como expressa “dores / Os espinhos e as flores / Que habitam em mim”, em nós. E ela, a palavra, pode também exaltar em versos nossos ídolos, heróis, como bem exalta Francisco Jocely O. dos Santos em “Salve! Salve! Castro Alves”. O poeta exalta também o próprio objeto, o “Livro”, onde imortalizamos as palavras com a ajuda de um “Poeta de engenho” – e que engenho! Exaltação ao livro reforçada pela poeta Gracinara da Silva Teixeira, em “Amor em papel-digital”, quando canta: “Seja de papel, de plástico, de tecido, / Físico ou digital, / Antigo ou moderno, / Explícita ou implicitamente / Os livros nos fazem caminhar pela “estrada de tijolos amarelos”.” Livros que, às vezes, nos fazem chorar com o/a herói/na. Assim como nos traz lágrimas aos olhos a leitura de “O herói que caiu da tarde”, de José D’Assunção Barros. Herói esse, como tantos outros, que morreu sem fogos, sem aclamação, como canta o eu-lírico que nos faz indagar no mesmo tom que ele: como, “Como é possível, a um herói, / Morrer sem fogos, sem a luz que arde?”, como?

Livros que também nos fazem conhecer, pelos olhos de Rosenildo da Costa Pereira, “Um pouco de nossa história”, pois “Abaetetuba tem história”, muita história!

E por falar em história, a crônica “O garoto das latinhas”, de Gracinara da Silva Teixeira, que poderia ser só mais uma bela crônica sobre natal, festejos, vem ratificar uma triste realidade desse século: “Não tem mais criança inocente neste mundo de hoje”, por motivos vários.

Mas não perca a esperança... E siga resistindo, pois resistir é preciso. E como nunca resistimos sozinhos, a todos/as que contribuíram com a 10ª edição da *Revista Falas Breves* nosso muito obrigada.

A você, leitor/a, que essas contribuições sejam proveitosas. Até uma próxima!

Sandra Maria Job
Editora

Breves, 17/12/2021.